

Professora Luciana Teixeira - Professora orientadora (filosofia)¹
Jhully Emanuele Dos Santos Bernardes - Debatedora (capitã)²
Leticia Garcez Taveira Brasil - Debatedora³
Ana Luísa Galante - Debatedora⁴
Júlia Ferreira Silva - Debatedora⁵
Lucca Gabarron Freitas - Debatedor⁶
Érico Presas Michaltchuk - Debatedor⁷
Alicia Manuela Silva de Oliveira - Debatedora⁸
Lavínia De Holleben - Debatedora⁹
Giovanna Pinheiro Ventorin - Debatedora¹⁰
Nicolas Accioly Gavazzoni Malanski - Debatedor¹¹
Emanuelle Dornelas Queiroz - Debatedora (pesquisa)¹²
Mariane Ferreira da Silva - Debatedora (pesquisa)¹³
Rebeca Pereira da Silva - Debatedora (pesquisa)¹⁴
Eduarda Azevedo Birsneek - Debatedora (pesquisa)¹⁵

PROJETO DEBATEDORES NOTA 1000

O projeto consiste em uma iniciativa educacional que prepara estudantes da rede pública do Paraná para o ENEM por meio do desenvolvimento da oratória, pensamento crítico, trabalho em equipe e de técnicas de argumentação. O projeto é organizado pelo Instituto Eureka em parceria com a Fundação Wilson Picler, o Grupo Uninter e apoio da Escola do Legislativo do Paraná. Tem como objetivo estimular o repertório socioeconômico e a expressão oral em formato de debates estruturados, simulando a exigência da redação do ENEM, para preparar os participantes para ela. A dinâmica dos debates é bem simples, as equipes, de cada escola selecionada, recebem um tema previamente e constroem duas teses, favorável e contrária, porém a posição defendida pela equipe só será decidida na hora do confronto por meio de sorteio.

¹ Professor de Filosofia do Colégio Estadual do Paraná.

² Estudante do Ensino Médio da turma 3ºE.

³ Estudante do Ensino Médio da turma 3º P.

⁴ Estudante do Ensino Médio da turma 2ºE.

⁵ Estudante do Ensino Médio da turma 2ºB

⁶ Estudante do Ensino Médio da turma 2ºF.

⁷ Estudante do Ensino Médio da turma 2ºN.

⁸ Estudante do Ensino Médio da turma 2ºTT.

⁹ Estudante do Ensino Médio da turma 2ºF.

¹⁰ Estudante do Ensino Médio da turma 3ºA.

¹¹ Estudante do Ensino Médio da turma 3ºA.

¹² Estudante do Ensino Médio da turma 2ºK.

¹³ Estudante do Ensino Médio da turma 2ºF.

¹⁴ Estudante do Ensino Médio da turma 3ºP.

¹⁵ Estudante do Ensino Médio da turma 2ºD.

CONSTRUÇÃO DAS TESES: COLÉGIO ESTADUAL DO PARANÁ

A equipe do Colégio Estadual do Paraná, famoso CEP, desenvolvem suas tese por meio de pesquisas prévias do tema, que incluem, artigos científicos, obras literárias, estudiosos da área da filosofia, sociologia, antropologia, política, entre outros, músicas, dados com fontes confiáveis e poemas. Dando prioridade para nomes brasileiros, para trazer representatividade cultural. Após todo esse processo, a equipe foca em filtrar as pesquisas mais interessantes e relevantes para o tema, selecionam o melhor do material para então construir a futura tese, nessa etapa, também é decidido, em conjunto, o que cada debatedor irá fazer, dividindo 4 membros da equipe para realizar cada parte da tese, introdução, réplica, tréplica e conclusão, seguindo essa mesma lógica para ambas as teses, favorável e contrária.

Logo após essa etapa, é dado um prazo para os debatedores escreverem suas teses, todas as teses são corrigidas pela capitã da equipe, que analisa coerência, argumentação, repertório, escrita e as exigências de cada parte da tese, como a conclusão que deve ter proposta de intervenção. Após todas as teses corrigidas elas são enviadas para a professora orientadora que realiza as impressões do material, assim são distribuídas entre os participantes. Finalmente a equipe começa a ensaiar as falas para o debate, todos os ensaios dirigidos pela professora orientadora da equipe. Após todos esses processos é chegado o dia do debate e receber os resultados desse trabalho que é realizado em aproximadamente um mês.

TEMA 5 - DAR DINHEIRO ÀS PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA OU A QUEM PEDE NOS SEMÁFOROS É UMA ATITUDE A SER MANTIDA OU A SER PROIBIDA?

TESE A FAVOR - DEVE SER MANTIDA

INTRODUÇÃO

Bom dia a banca e a todos aqui presentes

A prática da esmola no Brasil possui raízes profundas, tais quais que após a concretização da lei áurea o Estado, sem oferecer quaisquer apoio, condenou os recém libertos a marginalização, sem direito a nenhuma política de inserção, tornando assim, a mendicância o único caminho viável de sobrevivência para milhares. Aqui devemos nos debruçar sobre os conceitos do filósofo Emmanuel Levinas para entendermos profundamente o impacto da esmola, visto que para ele, na obra Ensaio sobre a Alteridade de 1991, o debate sobre a esmola não se trata de uma questão econômica ou política, mas sim a mais pura ética. Levinas nos diz que a ética não se trata apenas de um conjunto de regras sociais, mas da própria essência da existência humana, que só se realiza no encontro com o outro. Quando deparamos com um morador de rua, a maioria das pessoas o “coisifica”, tratando-o apenas como paisagem ou obstáculo, entretanto o retrato do Rosto rompe essa anestesia social, mostrando de forma crua a vulnerabilidade sofrida por estes, obrigando quem passa a ouvir o chamado, deixando de olhar para si e passando a olhar a existência radical do outro, não se trata de uma atitude estruturada na bondade, mas sim uma dívida ética, eu sou responsável pelo outro muito antes de qualquer contrato social. Num mundo onde constantemente somos conquistados por interesses pessoais, dar o que lhe sobra para alguém que precisa é a mais pura esfera da fraternidade, quebrando a lógica de mercado. Quando o lucro vale mais do que a dignidade humana, a pobreza deixa de ser um problema social e passa a ser um incômodo visual.

Lucca Gabarron Freitas

RÉPLICA

A tentativa de proibir o auxílio financeiro direto nos semáforos representa uma utopia autoritária que busca criminalizar a miséria para ocultar o escancarado fracasso do Estado. Como elabora a antropóloga Maria Lúcia Lopes da Silva, em sua obra “Povo de Rua”, demonstra que a mendicância não é fruto de comodismo ou de uma escolha de vida. Ela é, antes de tudo, uma estratégia extrema de sobrevivência diante da omissão estatal.

Quando a sociedade tenta proibir o direito individual de estender a mão, ela não resolve a vulnerabilidade, muito menos olha para a origem do problema, isso serve

apenas para blindar os olhos da elite que se nega a olhar para o abismo urbano que ela mesmo criou.

Além disso, transformar um problema estrutural, em uma questão de fiscalização, é uma tentativa superficial de mitigar essa problemática. Em vez de combater a pobreza, pretende combater quem ajuda o pobre. Isso não enfrenta a causa; apenas desloca a responsabilidade.

Se a pessoa continua com fome depois que recebe uma moeda, o problema não é a moeda. O problema é a fome. É justamente isso que Manuel Bandeira denuncia em seu poema "O Bicho". O poeta escreve:

"Vi ontem um bicho na imundície do pátio catando comida entre os detritos."

E conclui de maneira devastadora:

"O bicho, meu Deus, era um homem." Bandeira não critica quem oferece ajuda. Ele critica uma sociedade que permitiu que um ser humano chegasse a esse ponto. A verdadeira vergonha não é a existência da esmola; é a existência da fome. E é exatamente aqui que enxergamos a ineficiência do Estado.

Dentro disso, devemos nos lembrar de uma contradição social. Centenas de influenciadores pedem doações em transmissões ao vivo, e recebem milhares de reais espontaneamente, o que é visto como demonstração de carinho. Mas quando uma pessoa pede algumas moedas para custear a própria fome, é visto como uma prática que deve ser proibida. E a pergunta que faço é, porque?

É justamente nesse questionamento que me debruço sobre o conceito de "Moral Estética" do filósofo Nietzsche. Nietzsche critica uma moral baseada nas aparências e nos preconceitos sociais. Há uma aceitação moral em dar dinheiro a influenciadores ricos apenas pelo espetáculo visual, enquanto se criminaliza a entrega de moedas para quem só precisa se alimentar.

E isso revela que o problema não está no pedido de ajuda, mas no desconforto que sentimos ao olhar para quem evidencia o fracasso social que preferimos esconder.

Finalizo lembrando que uma sociedade não se mede pela forma como trata quem já venceu, mas pela forma como responde à dor de quem não tem absolutamente nada.

Jhully Emanuele Dos Santos Bernardes

TRÉPLICA

Prezados senhores, gostaria de inicialmente realizar uma pergunta à equipe adversária: “que tem o Estado haver com a atribuição de se uma atitude é moralmente ética ou não?”. Para Kant, a ética é autônoma e não pode ser imposta. Portanto, a análise do tema deve seguir por um caminho diferente desse proposto pela equipe. De que maneira, a proibição realmente afeta, concretamente a sociedade?. Da mesma maneira que uma moeda ou uma marmita não resolvem a vida de alguém marginalizado, a proibição dos mesmos tampouco faz algum efeito. O argumento de que esse ato incentiva o desemprego, cai por água abaixo quando nos utilizamos de uma ferramenta que talvez a outra equipe tenha se esquecido, a análise empírica da realidade, por meio de dados factuais e a interpretação científica destes. Pesquisas do IPEA demonstraram que os principais motivos para a falta de moradia são brigas familiares e o desemprego, somando 88% das causas. Senhores, o desemprego é a causa, não uma consequência. Ricardo Antunes afirma: “a informalidade é a antessala do desemprego”. No capitalismo atual o desemprego estrutural virou parte do funcionamento do sistema, marginalizando trabalhadores informais e desempregados, em último caso levando-os à perda da moradia, a desestruturação de relações familiares e ao vício. A tentativa de criminalizar uma prática que tenta garantir o mínimo de dignidade para tais grupos, além de impraticável, reproduz uma lógica sistêmica de exclusão e precarização.

Nicolas Accioly Gavazzoni Malanski

CONCLUSÃO

Bom dia, senhores jurados, colegas debatedores e todos os presentes!

Concluo este debate com uma citação do livro norte-americano *Extraordinário*, escrito por R. J. Palacio: "Quando tiver que escolher entre estar certo ou ser gentil, escolha ser gentil." Quando entregamos uma moeda a uma pessoa em situação de rua, não temos certeza do que será feito com ela. No entanto, sabemos o efeito que a indiferença pode causar. O ato de humanidade de cada indivíduo não deve sofrer interferência do Estado, sobretudo quando ele próprio falha em oferecer assistência. Em muitos casos, o recurso mais imediato que essas pessoas encontram é a generosidade alheia, mostrando que, muitas vezes, é o povo pelo povo. Além disso, a própria expressão "morador de rua" evidencia a naturalização dessa realidade. A rua não possui, de nenhum

modo, as condições que uma moradia oferece; ela é apenas um espaço de sobrevivência. Levem este questionamento consigo: se as políticas públicas fossem realmente eficazes... Se a pessoa em situação de rua encontrasse outra alternativa para suprir suas necessidades... Será que essa prática ainda existiria?

O sindicato dos servidores públicos municipais de Curitiba divulgou o caso de um homem em situação de rua que morreu de frio em um ponto movimentado da cidade. Esses episódios demonstram que, por mais bem-intencionada que seja a ideia de concentrar toda a responsabilidade no Estado, na prática ela não tem sido suficiente.

Por isso, a melhor forma de contribuir com quem precisa é colocar o dinheiro diretamente em suas mãos, preservando sua autonomia. Afinal, somente quem vive essa realidade sabe quais são suas necessidades mais urgentes. Diante disso, cabe à sociedade civil promover campanhas de conscientização por meio de panfletagens, palestras educativas sobre empatia e o uso de mídias sociais para combater o estigma das doações em dinheiro nos semáforos, incentivando a solidariedade e reforçando que a gentileza não deve ser proibida.

PROIBIR A ESMOLA NÃO APAGA A FOME. APENAS ESCONDE A NOSSA INDIFERENÇA! PUNIR A CARIDADE É OFICIALIZAR O ABANDONO.

Alicia Manuela Silva de Oliveira

TESE CONTRA - DEVE SER PROIBIDA

INTRODUÇÃO

A temática escolhida não se trata de uma simples exposição de fatores, mas de uma estrutura complexa que foi fundada desde as primeiras comunidades antigas, e a discussão a respeito de uma solução do mesmo não deve ser vista apenas por uma ordem de fatores ou vontades, mas como uma balança que contém peso em ambos os lados, a questão é: Qual é o lado mais pesado?

O assunto “esmolas” quando visto tende a ser muito levado para o lado religioso ou sentimental, porém, queremos explorar âmbitos sociais e culturais que fogem de ser apenas uma cultura ou crença implantada. Primeiramente, qual o objetivo das esmolos? Ao contrário de uma ajuda constante e consistente, a esmola possui figurativamente um

efeito semelhante ao uso de remédios paliativos para um paciente que sofre de uma doença terminal, eles aliviam a dor, mas não possuem o poder da cura, assim como uma ajuda momentânea que te livra de um período de fome, mas não resolve seu problema da escassez. A questão ser contra ou não as esmolas não é ser contra a ajuda, mas sim contra um auxílio sem destino, que não parta de uma simples moeda ou nota de 5 reais, mas que forneça uma chance de estabelecer uma nova cultura. O sociólogo Herbert José de Souza diz: “Um país não muda pela sua economia, sua política e nem mesmo sua ciência; muda sim pela sua cultura”, ou seja, se trata de um sistema que não dê apenas uma oportunidade, mas também a capacidade de se manter nessa nova estrutura de vida, onde o indivíduo conseguirá desenvolver suas reais habilidades por meio de seu trabalho e esforço em seu novo papel na sociedade por meio da nova cultura implementada.

Entretanto, a complexidade do assunto também reflete no lado do fornecedor. Em um mundo onde se vive de aparências, bens materiais e sua moral ser julgada correta ou não, o mais comum é encontrar a ajuda social como uma simples máscara de vida perfeita e moral intacta. O Efeito Madre Teresa que é um fenômeno psicofisiológico que abrange como o altruísmo, a compaixão e as ações de solidariedade impactam positivamente a saúde de quem as pratica, ou seja, além de uma cultura de ação social (que não é o mesmo de esmolas), há também o beneficiamento da própria saúde física e mental. A oportunidade deve ser oferecida por um sistema eficaz, a cultura deve ser remodelada para a nova realidade que o indivíduo se encontra, porém, a iniciativa da esmola não vêm apenas da vítima, mas do fornecimento direto do doador, que se preocupa em um bem estar psicológico e social, mas não em erradicar o problema. Contudo, a ideia de um indivíduo com condição financeira maior que um pobre ajudar por querer “resolver o seu problema”, se trata de uma mera fantasia, porque seu grau de importância baseado em outros argumentos seria medido na escolha de ajudar ou não, mas na realidade, está na preocupação com resolver, erradicar o problema, e transformar a vida de uma pessoa. Insistir em auxílio momentâneo é remar contra a maré, mas a implementação de uma cultura que transforma é a solução que nunca conseguimos encontrar.

Júlia Ferreira Silva

RÉPLICA

Senhores, muitos aqui nos perguntaram: "Você teria coragem de negar ajuda a quem passa fome?" Mas essa não é a pergunta correta. A verdadeira pergunta é: que tipo de ajuda realmente tira alguém da situação de rua?

Nossa posição nunca foi contra a solidariedade ou contra a empatia. Somos contra a entrega direta de dinheiro porque ela não resolve a raiz do problema. Em O Capital, o sociólogo Karl Marx demonstra que a desigualdade é produzida pelas próprias estruturas econômicas. Assim, a caridade pode até aliviar necessidades imediatas, mas não altera as causas da pobreza.

É inegável que uma moeda pode comprar uma refeição. Mas uma refeição não compra dignidade. Quem vive em situação de rua precisa de moradia, tratamento de saúde, documentos, emprego além reinserção social. Esses não são favores: são direitos. Direitos esses garantidos pela Constituição e pela Lei nº 8.742/93 a Lei Orgânica da Assistência Social. Transformar direitos em esmolas é aceitar que a cidadania dependa da boa vontade de quem passa no semáforo e se comova com as consequências de um governo desigual.

Quando entregamos dinheiro, não sabemos qual será seu destino. Não conhecemos a realidade daquela pessoa e, muitas vezes, podemos estar financiando sua permanência nas ruas, em vez de sua saída. Estudos da assistência social mostram que a esmola pode criar uma rede de subsistência imediata que afasta o indivíduo dos serviços de acolhimento e reinserção.

A própria música "Esmola", da banda Skank, critica justamente o Estado que tem falhado diariamente em garantir os direitos de cada um, e colocando o peso de suas ações no bolso dos brasileiros que trabalham diariamente para garantir o seu e tem que prover o do próximo.

“Eu 'to cansado, meu bom, de dar esmola

Essa quota miserável da avareza

Se o país não for pra cada um

Pode estar certo

Não vai ser pra nenhum”

Skank denuncia uma sociedade que se acostumou a oferecer moedas quando deveria garantir dignidade. É dever do Estado garantir que esse país que chamamos de casa seja pra cada um, e garanta que cada um possa ser tratado com dignidade.

Quando a sociedade assume sozinha essa responsabilidade, o poder público reduz a pressão para ampliar políticas sociais. Cabe ao Estado garantir moradia, saúde, assistência e oportunidades de trabalho. *Como ensina o sociólogo Boaventura de Sousa Santos, em sua obra “Reinventar a Democracia”: uma sociedade justa é aquela que combate as desigualdades, e não aquela que apenas aprende a conviver com elas.*

Por isso, reafirmamos nossa posição: ajudar é essencial, mas cuidar não é dar dinheiro. Cuidar é garantir que essa pessoa nunca mais precise estender a mão em um semáforo por uma cota miserável de subsistência. Cuidar é assegurar dignidade, autonomia e oportunidades para que ela deixe de sobreviver da caridade e passe a viver com os direitos que lhe são garantidos.

Letícia Garcez Taveira Brasil

TRÉPLICA

Bom dia, senhoras, senhores e membros da excelentíssima banca.

Ao nos reunirmos aqui hoje, não estamos debatendo uma simples transação monetária interpessoal, muito menos um subsídio motivado pelo mero compadecimento.

As esmolas representam algo infinitamente mais profundo, são para além de tudo um sintoma da doente sociedade em que vivemos. Uma sociedade que internaliza preceitos morais frágeis e que nega sua própria natureza.

Gostaria de apresentar-vos então a perspectiva do filósofo alemão Friedrich Nietzsche sobre o conceito de 'Mitleid', traduzido como 'compaixão' ou 'piedade'. Essa ótica faz-se presente em toda a sua produção teórica, mas, tomemos como base o que o autor escreve em 'Assim Falou Zaratustra', pois é nesta obra que ele discorre sobre a verdadeira espinha dorsal desta tese.

Para Nietzsche, a piedade não é um ato de emancipação, mas um exercício velado de poder. Ao estender uma moeda nas calçadas, o doador não busca a libertação do vulnerável; busca, em verdade, o alívio imediato de sua própria culpa social, comprando um afago moral a preço irrisório.

Trata-se de uma assimetria existencial disfarçada de altruísmo, onde a miséria alheia é instrumentalizada como palco para a vaidade de quem doa, enquanto sela o cativo e a humilhação pública de quem recebe.

E é sobre esta ótica, que devemos entender as esmolas como uma prática que existe somente para fazer os vilões se sentirem heróis. Para os ladrões se sentirem Robin

Hoods. Para elevar quem doa a um pedestal moral, construído pela fome de quem recebe migalhas.

Se o preço da vossa moral é o mesmo dinheiro que jogam aos pés do miserável, saiba que vossa virtude vale muito pouco.

Érico Presas Michaltchuk

CONCLUSÃO

Senhores ao longo deste debate, uma pergunta esteve implícita em cada fala: o que é, de fato, restituir a dignidade de alguém? O economista indiano Amartya Sen, em sua obra *Desenvolvimento como Liberdade*, propõe que a pobreza não deve ser medida apenas pela ausência de renda, mas pela privação de capacidades, ou seja, a privação da liberdade real de escolher construir uma vida.

Sob essa ótica, uma moeda entregue no semáforo não devolve liberdade nenhuma, ela apenas adia, por alguns minutos, a mesma privação que se repetirá amanhã, depois de amanhã e depois.

É por isso que insistimos que o problema não é o gesto de quem doa, mas a ilusão de que esse gesto substitui política pública. Quando a sociedade se acostuma a resolver com o bolso o que deveria resolver com direito, ela alivia sua consciência e, ao mesmo tempo, retira do Estado a pressão para agir.

Portanto, como medida de intervenção, defendemos que o Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social, amplie os Centros de Referência Especializados para População em Situação de Rua, e implemente, em parceria com estados e regiões municípios, um modelo de Moradia Primeiro (Housing First), já testado internacionalmente, que promove habitação e acompanhamento social antes de exigir qualquer contrapartida do indivíduo.

Paralelamente, propomos que campanhas públicas redirecionem a generosidade espontânea da população para os fundos sociais legais, para assim evitar a ineficiência do impulso individual.

Encerro com uma reflexão do poeta português José Saramago, em sua obra *Ensaio sobre a Cegueira*: “A pior cegueira não é a de quem perdeu a visão, mas a de quem enxerga o

sofrimento diariamente e acredita que um gesto momentâneo é suficiente para resolvê-lo.”

Então que a nossa decisão hoje não seja a de aliviar a consciência, mas a de exigir que a dignidade humana deixe de depender de esmola e passe a ser, enfim, um direito. Encerro minha fala, muito obrigada.

Giovanna Pinheiro Ventorin